

Nando Gross

colunaabcjournal@gmail.com



Quando a guerra invade uma Copa do Mundo

A Copa começa hoje, mas o assunto mais importante está fora das quatro linhas. Nunca uma edição foi aberta em meio a um ambiente tão marcado pela guerra e pela polarização política. Nem mesmo em 1938, na França, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, quando fascismo e nazismo avançavam pela Europa. A Alemanha já havia anexado a Áustria e a Itália de Mussolini carregava o peso da propaganda política. O futebol seguiu, mas a normalidade era apenas aparente. Agora, novamente, a história invade os gramados e torna impossível separar a competição do contexto internacional. A diferença é que, desta vez, nem mesmo existe a preocupação em preservar uma aparência de normalidade. O clima de tensão e as consequências das decisões políticas são parte explícita da própria competição.

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM@WHITEHOUSE



A Fifa e os critérios que desaparecem

Também é impossível ignorar as contradições da Fifa. Se a entidade puniu e excluiu a Rússia por bombardear um país soberano, a escolha dos Estados Unidos como sede expõe uma evidente diferença de critérios. Soma-se a isso o temor provocado pela política de imigração de Donald Trump e a preocupação de atletas, jornalistas e torcedores de países considerados adversários pelo governo americano. O chamado “padrão Fifa” mostra-se vulnerável diante do poder político e econômico.

José Carlos Keiber

jcarloskeiber@gmail.com



Brasil não assusta, mas pode surpreender

O favoritismo brasileiro em Copas diminuiu. Embora muitos analistas preveem um Brasil avançando de fase, mas caindo no mata-mata contra potências maiores, mesmo assim, avaliam o nosso potencial como suficiente para chegar longe, por causa da qualidade individual dos jogadores. Nós esperamos que nossa equipe chegue bastante competitiva. Em todas as Copas, mesmo quando não chegamos ao título, tínhamos craques que, na hora do aperto, passavam por cima da dificuldade. Nesta seleção, só temos Neymar que, temporariamente, está sem condições de jogar. O Brasil chega como o 6º colocado nas bolsas de apostas e com 6% de chance de título. É o reflexo do que fizemos nas últimas décadas. Não carregamos mais o peso de favorito, mas a possibilidade de surpreender está viva.

RAFAEL RIBEIRO/CFB



A missão do treinador Carlo Ancelotti

Em todas as conquistas do Brasil, a equipe que iniciou a Copa não foi a mesma que terminou. Dúvidas sempre existiram, como agora. Carlo Ancelotti perdeu Wesley por lesão e ainda busca definir as laterais, setores sem donos absolutos. A ausência do jogador reduz a força ofensiva pelo lado direito. Já o esquema entre 4-2-4 e 4-3-3 deve estar sendo avaliado pelo treinador. Primeiro estrangeiro a comandar o Brasil em uma Copa, Ancelotti terá a missão de encerrar o longo jejum de títulos.

Eduardo Pires

eduardopirescom@gmail.com



Mundial das novidades e de despedidas

Vai começar a maior Copa do Mundo de todos os tempos. A minha expectativa é gigante para este mundial, até pela presença de seleções, inclusive, desconhecidas para muitos torcedores. Porém, abrangendo muito mais países e tornando a competição mais democrática. No entanto, o que mais me deixa chateado é não ter a Itália, tetracampeã do mundo, no torneio. No meu ponto de vista, a Fifa deveria dar aos campeões vaga garantida. Será a terceira Copa seguida sem a presença da Azzurra. Mas, isso também, vamos combinar, é problema deles. Outro atrativo deste Mundial é a despedida dos maiores jogadores desta geração: o argentino Lionel Messi, o português Cristiano Ronaldo e o nosso Neymar. Aproveitem, amigos, pois tão cedo não veremos jogadores deste nível.

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM@ZAGALLOOFICIAL



A força da camisa põe o Brasil na briga

Por mais dificuldades que a seleção enfrentou neste ciclo, não tem como excluir o Brasil dos candidatos. Somos pentacampeões, e as outras seleções sabem que a nossa camisa é pesada. É óbvio que não estamos no mesmo patamar da França, que pra mim é favorita, assim como a Espanha. Portugal, Inglaterra e Holanda no mesmo nível do Brasil. E acho que a Argentina será uma grande decepção. Brasil é Brasil! Como diria Mário Jorge Lobo Zagallo: BRASIL CAMPEÃO tem 13 letras!

Guilherme Schmidt

guilherme.schmidt@grupoposinos.com.br



A expectativa pelo fim desta seca de 24 anos

Minha primeira lembrança de Copa é a vibração do pessoal no boteco do meu avô com o tri do México, em 1970. Aquela imagem da tevezinha no alto do balcão do armazém e todo mundo xingando e torcendo ao redor. Mas é um flash. Tinha quase 4 anos. Posso dizer que fui da geração que esperou 24 anos para realmente festejar uma Copa (o tetra de 1994). E, agora, temos mais uma geração na espera de 24 anos. Depois do penta, em 2002, caímos por quatro vezes nas quartas de final e tivemos um “desonroso” 4º lugar na nossa Copa, em 2014, com aquele 7 a 1 alemão na semi e o 3 a 0 holandês na decisão do 3º. Expectativa para agora? Baixa. Talvez mais uma quarta de final. Semifinal já seria vitória. A atual seleção, que viveu uma bagunça até a chegada de Ancelotti, não anima. Raros lampejos em meio a um futebol truncado e pouco inspirado.

VITOR SILVA/CFB



É preciso acreditar mais uma vez

Mas é verdade, que raramente a seleção empolga antes da estreia. Foi assim, por exemplo, em 1958 e nas duas últimas conquistas, em 94 e 2002. No final das contas, podemos não ser os favoritos como França, Argentina e Espanha, mas o Brasil é sempre candidato. E, se a garra entrar em campo, talvez Marquinhos, Vini e cia (torcendo para que Neymar se recupere para nos dar algumas centelhas de camisa 10) consigam quebrar esta seca de 24 anos. É torcer e, como em 1994, acreditar de novo.